

## Relato de Experiência

### As diferentes faces de uma mesma fase<sup>1</sup>



*Bruna Benzakein Gouvêa*

Quando se fala em idosos ou na velhice, a impressão que tenho é de que há uma grande generalização acerca do que é ser idoso e de quem é a pessoa idosa. Sim, o envelhecimento é um processo contínuo e comum a todos, no entanto é também um processo muito singular. O termo “idoso” abriga diferenças e traços específicos, uma vez que cada indivíduo envelhece a seu modo. Esta diversidade se dá em virtude de inúmeros fatores, desde os ambientais e biológicos, até socioeconômicos e culturais.

Foi neste sentido que adveio a ideia de entrevistar a minha avó, Marly de Souza Gouvêa de 78 anos. Ela é assistente social e trabalha há 35 anos na Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social, e atualmente é quem coordena o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS)

<sup>1</sup> Trabalho final da disciplina eletiva Direitos Humanos, Longevidade e Políticas Públicas: Desafios. Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, novembro, 2016.

de Pinheiros, atendendo a população com alto grau de vulnerabilidade desta região.

Concomitantemente, o CREAS é o centro responsável por receber todas as solicitações de vaga e fazer todos os encaminhamentos para o Centro Dia para Idosos de determinada região. E assim temos Marly, de 78 anos, engajada em um cargo que, dentre outras coisas, a coloca em um trabalho com outros idosos através do novo Centro Dia de Pinheiros; idosos estes que, apesar de partilharem com ela de uma mesma fase da vida, vivem de acordo com uma realidade absolutamente diferente.

Enquanto Marly é uma senhora de classe média, que possui casa própria, convênio médico particular, carro próprio, ensino superior completo, e outros privilégios, os idosos que ela encaminha para o Centro Dia de Pinheiros estão em situação de vulnerabilidade e risco social.

Assim, a presente reflexão tem o intuito de trazer, a partir do depoimento de minha avó, reflexões acerca das diferentes faces de uma mesma fase, a velhice e os diferentes modos de vivê-la.

É necessário, portanto, fazer um recorte inicial para explicitar o que é o serviço público do Centro Dia para Idosos, e quem são os idosos que frequentam esse serviço, considerado na Política de Assistência Social um serviço de média complexidade<sup>2</sup> para a pessoa idosa em situação de vulnerabilidade e risco. Em linhas gerais, é um espaço de convivência que recebe, durante o dia, essas pessoas idosas e proporciona a elas cuidados e atividades. Nas palavras de Marly:

*O centro dia libera a família para trabalhar durante o dia e o idoso fica lá (...) no Centro Dia, fazem atividades, almoçam e lancham e tem tempo para descanso e lazer.*

Mas, afinal, quem é a pessoa idosa em situação de vulnerabilidade e risco? No caso do serviço em questão, trata-se de idosos (60 anos ou mais) que possuem limitações para a realização das atividades da vida diária e que convivem com suas famílias, porém não dispõem de atendimento em tempo integral, no domicílio. Além disso, devem possuir um grau de dependência leve ou moderada (segundo a Escala de Avaliação da Incapacidade Funcional da Cruz Vermelha Espanhola), não possuir comprometimento cognitivo ou possuir comprometimento cognitivo controlado<sup>3</sup>, e podem fazer uso de equipamentos para a vida diária, tais como andador, muleta oxigênio portátil, etc.

Ainda, devem ser idosos incluídos no CadÚnico - um instrumento de coleta de dados e informações que objetiva identificar todas as famílias de baixa renda existentes no país para fins de inclusão em programas de assistência social e redistribuição de renda - e que, prioritariamente, possuam o Benefício da

---

<sup>2</sup> Serviços de alta complexidade são, por exemplo, as ILPIs.

<sup>3</sup> Idosos que tem elevado grau de dependência e comprometimento cognitivo são encaminhados não para os Centros Dia, mas para ILPIs.

Prestação Continuada da Lei Orgânica da Assistência Social (BPC/LOAS), que é, de acordo com o site da Previdência Social (2015):

[...] a garantia de um salário mínimo mensal ao idoso acima de 65 anos, [...] que o impossibilite de participar de forma plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Para ter direito, é necessário que a renda por pessoa do grupo familiar seja menor que 1/4 do salário-mínimo vigente.

Assim, a partir da observação dos critérios para a inclusão no serviço, fica evidente também a situação de vulnerabilidade de toda a família do idoso incluído no programa. Segundo Marly:

*As pessoas em vulnerabilidade são aquelas que não têm acesso às políticas públicas que elas têm direito e que deveriam ter. São as pessoas sem acesso às políticas de educação, saúde e de habitação (a maioria delas não tem moradia, e vive em favelas ou na rua). Atendo muito a população que está na rua. A renda deles não permite que eles tenham acesso a essas políticas que eles deveriam ter.*

Tratando mais especificamente dos idosos:

*Esses idosos atendidos pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social tem um grau de fragilidade que um idoso da classe média e da classe alta não tem. O idoso da classe médio-alta tem todos os recursos de saúde, então é muito menos fragilizado. Esses que a gente atende tem uma fragilidade física, mental, de sociabilidade. Então por eles não terem tido as possibilidades de ter as políticas que eles deveriam ter, comparando com a classe média, são muito mais frágeis.*

Segundo Rodrigues e Neri (2012), vulnerabilidade é definida como o estado de indivíduos ou grupos que, por alguma razão, têm sua capacidade de autodeterminação reduzida, podendo apresentar dificuldades para proteger seus próprios interesses devido a déficits de poder, inteligência, educação, recursos, força ou outros atributos.

Pensando nisso, não posso deixar de entender a vulnerabilidade desses idosos como decorrente especialmente de uma situação socioeconômica. É claro, existem, por exemplo, doenças que acometem as pessoas de maneira a deixá-las absolutamente vulneráveis. No entanto, considerando as definições propostas acima e todos os critérios para a inclusão de idosos no Centro Dia, fica clara a enorme influência da condição socioeconômica na vulnerabilidade da pessoa idosa.

Assim, convidei minha avó a pensar e refletir sobre a velhice para ela como uma senhora de classe média. Como ela se sentia em relação a esses idosos?

Ela seria privilegiada? O que é ser idosa e como ela vive essa velhice? Foi interessante notar que a minha conversa foi o seu primeiro convite para pensar a respeito dessas diferenças entre ela e esses idosos:

*Esses que a gente atende nesses serviços sim. Sim, sinto uma diferença entre mim e eles. É uma diferença bem grande. Então, você vê, eu, com 78 anos, ainda posso trabalhar porque eu sempre tive a saúde. Sempre tive todos os médicos, todos os especialistas, todos os remédios, alimentação, exercício físico, viagens, tudo! Então tudo isso traz uma qualidade de vida diferente das pessoas que nunca tiveram isso. Eu, com 78 anos, tô descobrindo tudo isso que você falou no dia a dia. Essa fragilidade, essa diferença, essa... Seria até uma injustiça social, como o cidadão que deveria ter todo o direito à saúde, a um médico, ele não tem isso. Então você tá descobrindo como na velhice essa falta de políticas públicas acentua essa falta de qualidade de vida das pessoas idosas. Isso é um problema social seríssimo. Os idosos que a gente recebe são muito enfraquecidos e muito envelhecidos para a idade deles.*

A partir disso, Marly discorreu um pouco sobre como e o que é a velhice para ela, e o quanto certo movimento dos mais jovens para com a pessoa idosa a incomoda. Destacou ainda a importância de realizar atividades:

*Uma coisa que eu vejo que tem muito, principalmente no meu meio de trabalho com pessoas de 50 anos, é que a tendência, no Brasil (não sei se no mundo inteiro), é de envelhecer a pessoa antes da idade apropriada. Com 60 anos já tem um cuidado excessivo. A tendência da cultura brasileira é tolher a autonomia do idoso. Sempre estão cuidando além da necessidade: não pode dirigir, não pode viajar sozinho, não pode ir ao médico sozinho. Então a tendência da cultura brasileira é tolher a autonomia. A partir de 60 anos já tudo fica na dependência dos mais novos. O importante é não tirar essa autonomia. Quando você fala que já é idoso a partir de 60 anos, eu me sentia, com 60 anos, com 30, 40. Agora, com 78 você vai sentindo uma certa fragilidade. Mas, o que eu vejo, e para mim agora ficou bem claro, você não pode parar de fazer as atividades. O importante seria ter uma atividade profissional. É diferente uma idosa de 78 anos que tem uma atividade profissional e uma que não tem. A que não tem fica com depressão, fica menos... Tem menos meios para lidar com a velhice do que a que é profissional. Mas mesmo que você não tenha uma profissão, você tem que fazer muita atividade. Você tem que ter clareza das suas limitações, o que você pode e não pode fazer; o que você deve fazer para manter uma qualidade de vida, e o importante é isso, você sempre ficar pensando no que você pode fazer.*

Eu, particularmente, achei incrível a ideia da atividade como um meio para lidar com a velhice, e é interessante que minha avó coloque isso uma vez que o intuito dos Centros Dia para Idosos é justamente proporcionar atividades aos

idosos que lá frequentam. No entanto, Marly é crítica quanto ao programa, e coloca explicitamente que:

*O Centro Dia é um programa compensatório. Não é o que deveria ser. São políticas compensatórias. Não deveria ter isso, na realidade. O ideal seria que fosse uma procura de atividades e de sociabilidade para aquela idade apenas, e não por necessidade.*

De fato, vale a reflexão. Se todos tivessem realmente o acesso e o direito a todas as políticas públicas, seriam programas como o Centro Dia para Idosos, nos moldes atuais, realmente necessários? Seriam eles programas oferecidos para idosos em situação de vulnerabilidade?



Como já exposto, considero a situação de vulnerabilidade dos idosos inseridos no programa reflexo direto de sua condição socioeconômica, bem como da família. É evidente então que as desigualdades e a falta de políticas públicas no Brasil geram consequências, e talvez esses Centros Dia para Idosos sejam reflexo disso. Não seria incrível se esse programa público fosse oferecido a todos os idosos? Isso só

aconteceria se não existissem idosos em situação de vulnerabilidade e risco social. É claro, esses idosos existem, e o Centro Dia para Idosos é um ótimo espaço de suporte e acolhimento pra essas pessoas. Porém, como coloca perfeitamente minha avó, é um programa compensatório para uma triste realidade.

E, assim, concluo a reflexão acerca das diferentes faces de uma mesma fase: seriam essas faces tão discrepantes se tivéssemos direitos de fato igualitários? É claro que o termo “idoso” abriga diferenças, singularidades e traços específicos, uma vez que cada indivíduo envelhece a seu modo. No entanto, é triste que essas diferenças apareçam escandalosamente devido a diferenças socioeconômicas. Nenhuma velhice é igual a outra, mas suas diferenças poderiam ser socialmente menos desiguais.

## Referência

Rodrigues, N.O. & Neri, A.L. (2012). Vulnerabilidade social, individual e pragmática em idosos da comunidade dados do estudo Fibra. Campinas (SP): *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(8), 2130. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n8/23.pdf> .

Salmazo-Silva, H., Lima-Silva, T.B., Barros, T.C.de, Oliveira, E.M.de, Ordonez, T.N., Carvalho, G. & Almeida, E.B.de. “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”. In Vulnerabilidade na velhice: definição e intervenções no campo da Gerontologia. *Revista Temática Kairós*

*Gerontologia*, 15(6), pp.97-116. São Paulo (SP), Brasil:  
FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

### **Consultas na Internet**

<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/658.pdf>. Acesso em 15/11/2016 às 16:00

<http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/5980/#ad-image-0>. Acesso em 15/11/2016 às 16:05

<http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/todos-os-servicos/beneficio-assistencial-bpc-loas/>. Acesso em 15/11/2016 às 16:03

*Data de recebimento: 23/11/2016; Data de aceite: 12/05/2017*

---

**Bruna Benzakein Gouvêa** - Trabalho final da disciplina eletiva Direitos Humanos, Longevidade e Políticas Públicas: Desafios. Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, novembro, 2016. E-mail: [bu.b.gouvea@gmail.com](mailto:bu.b.gouvea@gmail.com)